

POTENCIAL DE POPULARIZAÇÃO DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC) COM BASE NA PERCEPÇÃO LOCAL: ESTUDO DE CASO EM UM ASSENTAMENTO RURAL DE ALAGOAS

Gabriela Maria Cota dos Santos^{1*}, Lailson César Andrade Gomes², Déborah Monteiro Barbosa³, Rafael Ricardo Vasconcelos da Silva⁴, Patrícia Muniz de Medeiros⁵

1. Estudante de IEx do Centro de Ciências Agrárias, Agroecologia, UFAL
2. Estudante de IC do Centro de Ciências Agrárias, Agroecologia, UFAL
3. Estudante de IC do Centro de Ciências Agrárias, Engenharia Florestal, UFAL
4. Professor do Centro de Ciências Agrárias, UFAL
5. Professora do Centro de Ciências Agrárias, UFAL/ Orientador

Resumo: Este trabalho visou identificar as PANC com potencial para popularização, pautado na percepção de moradores do assentamento Dom Helder (AL). Os entrevistados foram estimulados a indicar as PANC por eles conhecidas e dar-lhes notas entre 1 e 5 (1 para baixo e 5 para alto potencial) para os atributos consumo local, sabor, potencial nutricional, potencial medicinal, efeitos adversos, potencial comercial, disponibilidade temporal, disponibilidade espacial, facilidade de coleta e facilidade de plantio. O inhame da mata se destacou para consumo local, potencial nutricional e potencial comercial, enquanto o araçá da mata obteve destaque para sabor, facilidade de plantio e facilidade de coleta. O jenipapo teve maior média em potencial medicinal e a taioba foi percebida como a mais disponível temporariamente, enquanto o coco catolé se destacou para disponibilidade espacial. Cinco PANC obtiveram potencial máximo para ausência de efeitos adversos. O araçá da mata obteve maior potencial geral.

Autorização legal: Aprovação pelo CEP da UFAL (CAAE: 55111216.1.0000.5013).

Palavras-chave: Conhecimento Ecológico Local; Etnobotânica; Segurança Alimentar e Nutricional.

Apoio financeiro: CNPq - Chamada CNPq/MCTIC Nº 016/2016 (Proc. 442810/2016-4).

Introdução:

As plantas alimentícias não convencionais (PANC) são plantas comestíveis não conhecidas pela maioria das pessoas, ou ainda partes não usuais de plantas conhecidas (Lorenzi & Kinupp, 2014). Elas estão entre as fontes de alimentos que se desenvolvem em ambientes naturais, sem a necessidade de insumos e da derrubada de novas áreas (Bressan et al., 2011). Uma grande parte dessas plantas conseguem se adaptar bem a diferentes ambientes, nascendo dentro da mata, beira de estrada, em meio a hortas abandonadas, quintais e calçadas (Lorenzi & Kinupp, 2014).

Por estarem em áreas manuseadas por agricultores, o conhecimento e o uso sustentável dessas plantas torna-se uma estratégia fundamental para o fortalecimento da soberania alimentar de muitas famílias (Cruz-Garcia & Price, 2011). Ao redor do mundo o potencial das PANC é pouco explorado pelas sociedades humanas. Isso ocorre porque tais sociedades vêm vivenciando um progressivo processo de homogeneização alimentar, contendo em sua dieta pouca diversidade de espécies (Kinupp, 2007). Insere-se a essa realidade a grande e rica publicidade dos fastfood, que vem moldando as pessoas para aderir novos hábitos alimentares e para a perda da soberania alimentar de muitas famílias (King et al., 2011).

Dentro desse contexto, a popularização do consumo de PANC, além de contribuir para a consolidação de dietas diversificadas e menos dependentes da produção global, pode criar novas oportunidades de renda para comunidades rurais que fazem extração dessas plantas, e auxiliar na conservação biocultural, valorizando espécies vegetais e práticas a elas associadas. Se for feito de maneira sustentável, pode ser considerada uma forma de utilização com baixo impacto na agricultura, associada à conservação ambiental (Kinupp, 2007).

A partir disso, o presente trabalho tem como objetivo identificar as PANC com potencial para popularização, pautado na percepção de moradores do assentamento Dom Helder (Murici-AL). Esse estudo é o primeiro passo de um projeto integrado de ensino, pesquisa e extensão que visa popularizar o consumo de PANC na região metropolitana de Maceió (AL).

Metodologia:

Área de estudo - O estudo foi desenvolvido no Assentamento Rural Dom Helder Câmara, pertencente ao município de Murici (AL). Criado em 2000, com uma área de 324,47 ha, atualmente moram no local 43 famílias e cada uma possui um lote de 5-7ha. A principal atividade econômica é a agricultura de base familiar.

Coleta de dados - Para o levantamento de dados foram realizadas entrevistas com aqueles que consentiram participar do estudo (32 famílias). Um representante de cada família (homem ou mulher responsável pelo lote) respondeu a um questionário semiestruturado com perguntas sobre quais plantas alimentícias não

convencionais ele conhece. Logo após, os entrevistados foram estimulados a atribuir notas, segundo sua percepção, de 1 a 5 para cada planta por ele mencionada segundo os seguintes atributos:

- Consumo local: 1- muito pouco consumida pelos assentados; 2 – pouco consumida; 3 – mais ou menos consumida; 4 – consumida; 5 – muito consumida.
- Sabor: 1 – muito ruim; 2 – ruim; 3 – mais ou menos; 4 – boa; 5 – muito boa.
- Potencial nutricional (se a planta alimenta bem ou dá “sustância”): 1 – alimenta muito mal; 2 – alimenta mal; 3 – alimenta mais ou menos; 4 – alimenta bem; 5 – alimenta muito bem.
- Potencial medicinal: 1- não é remédio; 2- é remédio ruim; 3- é remédio mais ou menos; 4- é remédio bom; 5- é remédio muito bom
- Efeitos adversos: 1 – sempre dá problema quando come; 2 – dá problema muitas vezes; 3 – às vezes dá problema; 4 – quase nunca dá problema; 5 – nunca dá problema.
- Disponibilidade temporal da parte de interesse alimentício: 1 – só dá bem pouco tempo no ano; 2 – dá por menos da metade do ano; 3 – dá metade do ano; 4 – dá quase o ano todo; 5 – dá o ano todo.
- Disponibilidade espacial da parte de interesse alimentício: 1 – tem muito pouco; 2 – tem pouco; 3 – tem mais ou menos; 4 – tem uma quantidade boa; 5 – tem muito.
- Potencial comercial: 1 – não se vende e não dá para vender; 2 – não se vende, mas talvez pudesse vender; 3 – não se vende, mas acho que venderia bem; 4 – vende, mas não vende tanto; 5 – vende e vende muito.
- Facilidade de coleta: 1 – é muito difícil coletar; 2 – é difícil coletar; 3 – é mais ou menos; 4 – é fácil coletar; 5 – é muito fácil coletar.
- Facilidade de cultivo: 1 – não tem como plantar; 2 – é difícil plantar; 3 – até dá para plantar; 4 – é fácil plantar; 5 – não tem que fazer nada, já pega fácil.

Análise de dados – Para cada atributo, foram calculadas as médias das notas de cada espécie. Por fim, calculou-se a média dos atributos para obter um indicativo de potencial geral das PANC. O cálculo das médias foi realizado apenas para as plantas citadas por pelo menos 10% dos entrevistados, no intuito de evitar vieses de informações idiossincráticas. Tendo em vista a ausência de coleta e identificação botânica até esta etapa do estudo, as plantas foram classificadas em termos de etnoespécies (isto é, espécies segundo classificação *êmica* das populações humanas, neste caso, dos agricultores entrevistados).

Resultados e Discussão:

Um total de 28 etnoespécies foi mencionado pelos entrevistados. Destas, apenas nove foram citadas por mais de 10% destes (Tabela 1). Além disso, apenas o inhame da mata foi citado por pelo menos metade dos entrevistados, o que indica uma alta presença de idiossincrasias no conhecimento local sobre PANC. Tal fenômeno pode estar ligado ao fato de que as pessoas do assentamento possuem distintas origens geográficas e tiveram suas histórias de vida em diferentes contextos socioambientais antes de formarem o assentamento. Desse modo, é esperada maior dissimilaridade no conhecimento botânico local em comunidades com pessoas de diferentes origens (Abreu et al. 2015).

As partes das plantas citadas como alimentícias foram o fruto (59.6% das citações), tubérculo (20,2%), folha (17,3%), entrecasca (1,9%) e semente (1%). Desse modo, observa-se que as frutíferas apresentam grande potencial para popularização.

Tabela 1. Plantas alimentícias não convencionais citadas por mais de 10% dos entrevistados no assentamento rural Dom Helder Câmara, município de Murici (AL)

Etnoespécie	Frequência de citação (%)	Principal parte alimentícia
Inhame da mata	59.4	Tubérculo
Araçá da mata	31.3	Fruto
Coco catolé	31.3	Fruto
Taioba	25.0	Folha
Ingá	21.9	Fruto
Jenipapo	18.8	Fruto
Bredo	15.6	Folha
Maracujá da mata	15.6	Fruto
Aticum	12.5	Fruto

Os atributos consumo local, potencial nutricional e potencial nutricional privilegiaram a etnoespécie inhame da mata (Figura 1). Já os atributos sabor, facilidade de plantio e facilidade de coleta destacaram a

etnoespécie araçá da mata. A PANC com maior média para potencial medicinal foi o jenipapo, enquanto a maior disponibilidade temporal foi atribuída à taioba e maior disponibilidade espacial ao coco catolé. Nota-se que distintos atributos privilegiam diferentes etnoespécies, de maneira que muitas delas possuem algum grau de potencial para popularização.

De um modo geral, nenhuma PANC apresentou baixos valores para efeitos adversos e cinco delas apresentaram média máxima (5), indicando que as pessoas não observam efeitos adversos no consumo destes produtos. No entanto, tais informações precisam ser cruzadas com dados da literatura científica e novos experimentos nutricionais e toxicológicos, a fim de obter-se respaldos por múltiplas vias para a popularização destas plantas.

Considerando as médias dos atributos, a etnoespécie araçá da mata atingiu o maior potencial de popularização. Esse resultado é positivo em um contexto de popularização tendo em vista que sua parte utilizada é o fruto, cuja extração pode se dar mais facilmente de forma sustentável do que a extração de outras partes, como raízes, sendo necessária a remoção de altíssimos percentuais de frutos para que haja um comprometimento populacional (ver, por exemplo, Emanuel et al. 2005).

Assim, mesmo obtendo segunda colocação geral, o inhame da mata não é recomendado para programas de popularização, tendo em vista que é uma planta coletada em áreas de vegetação nativa e cuja parte alimentícia (tubérculo) é coletada de forma destrutiva para o indivíduo. Ela pode voltar a ser considerada caso sua propagação em áreas antropogênicas seja viável.

A etnoespécie coco catolé, também não é recomendada para um programa de popularização, devido à baixíssima média indicada pelos assentados quanto à facilidade de plantio. Isso significa que toda a pressão de coleta seria direcionada a zonas de vegetação nativa, com reduzidas possibilidades de plantio em agroecossistemas em casos de alta popularização.

A etnoespécie Ingá possuiu baixas médias nos atributos estudados, sendo amenizadas apenas pela ausência de efeitos adversos percebidos. Assim, sua inclusão em um programa de popularização pode não surtir resultados interessantes.

Conclusões: A partir da percepção local de assentados da comunidade Dom Helder, destacam-se pelo potencial para inclusão em programas de popularização as etnoespécies araçá da mata, jenipapo e taioba. Estas devem ser investigadas quanto a sua propagação em áreas antropogênicas, potencial nutricional, sustentabilidade na extração e presença de efeitos adversos, por meio da pesquisa bibliográfica e complementação com estudos em casos de lacunas no conhecimento sobre estes aspectos. Por fim, deve-se destacar também a importância do saber e atuação locais para a disseminação das PANCs, já que são as comunidades locais que conhecem a diversidade vegetal que é pouco experimentada.

Referências bibliográficas

ABREU, D.B.O.; SANTORO, F.R.; ALBUQUERQUE, U.P.; LADIO, A.H.; MEDEIROS, P.M. Medicinal plant knowledge in a context of cultural pluralism: a case study in northeastern Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 175, p. 124-130, 2015.

BRESSAN, R.A. et al. Stress-adapted extremophiles provide energy without interference with food production. **Food Security**, v.3, n.1, p.93-105, 2011.

CRUZ-GARCIA, G.S.; PRICE, L.L. Ethnobotanical investigation of wild food plants used by rice farmers in Kalasin, Northeast Thailand. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine**, v.7, n.33, p.1-20, 2011.

EMANUEL, P.L.; SHACKLETON, C.M.; BAXTER, J.S. Modelling the sustainable harvest of *Sclerocarya birrea* subsp. *caffra* fruits in the South African lowveld. **Forest Ecology and Management**, v. 214, p. 91-103, 2005.

KING, L. et al. Industry self regulation of television food advertising: Responsible or responsive?. **International journal of pediatric obesity**, v.6, n.2, p.390-98, 2011.

KINUPP, V.F. 2007. **Plantas alimentícias não convencionais da região metropolitana de Porto Alegre, RS**. Tese (Doutorado em Fitotecnia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LORENZI, H.; KINUPP, V.F. **Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil**. São Paulo: Plantarum, 2014. 768 p.

Figura 1. Médias de pontuação para dez atributos das plantas alimentícias não convencionais citadas por moradores do assentamento Dom Helder Câmara, município de Murici (AL).

